



Foto de cena de *Ruptura* (Vinicius Silva, 2016).

Cine Fragata: entretenimento nos anos de 1949 a 1984

Bruna Facchinello¹

Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural / Bolsista CAPES

Carla Gastaud

Dra. Professora Adjunto da Universidade Federal de Pelotas

Marlise Buchweitz Klug²

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural / Bolsista CAPES

Tatiana Lebedeff

Dra. Professora Adjunto da Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O presente texto visa a refletir sobre a memória de um espaço cultural da cidade de Pelotas/RS – o Cine Fragata, que foi fundado no ano de 1949 e cujo funcionamento durou até 1984, sendo, durante tempo, o cinema de entretenimento do maior bairro da cidade, o bairro Fragata. Através da narrativa de Junior, o personagem que nos auxilia com as histórias deste cinema, busca-se recompor a memória do Cine Fragata ao mesmo tempo em que o apresenta como um importante lugar de cultura e entretenimento para os pelotenses.

Palavras-chave: Cinema, Memória, Entrevista Narrativa.

Abstract: *This paper aims to present our impressions on a cultural place memory in Pelotas city – Cine Fragata, a movie theater founded in 1949 and closed in 1984 that was an entertainment place to those who lived in the city's largest district, Fragata neighborhood. Based on Junior's narrative, a character that helps us with the movie theater stories, there is an intention for Cine Fragata's memories restoration and for presenting this as an important culture and entertainment place in Pelotas society.*

Keywords: *Cinema in Pelotas, Memory, Narrative Interview.*

¹ brunacine@yahoo.com.br

² marlisebuchweitz@gmail.com

INTRODUÇÃO

Junior abriu a grade de ferro da lateral do prédio do antigo Cine Fragata. Lá dentro, uma senhora varria os restos deixados pelas festas do final de semana. Esta cena repete-se ao longo de muitos anos, já que hoje o lugar que abrigava o cinema é uma casa de baile, mantendo – embora transformando – sua função de lazer e entretenimento. E é assim que se pode observar a rotina diária de um lugar que é ainda presente nas memórias de seus antigos expectadores.

Como este, muitos outros locais na cidade abrigaram salas de cinema e serviram como espaço de entretenimento para os pelotenses e para pessoas advindas dos arredores, já que o município de Pelotas é o maior espaço cultural da região Sul do estado do Rio Grande do Sul. Ao longo das décadas de 1880 a 1980 houve várias salas de cinema, entre elas: Cine Teatro Sete de Abril (1888), Cine Teatro Guarani (Fund. 1921), Cine Teatro Apolo (Fund. 1924), Cine Teatro Capitólio (Fund. 1928), Cine Teatro São Rafael (Fund. 1938), Palácio do Rádio (Fund. 1947), Cine Ideal (Fund. 1947), Cine Fragata (Fund. 1949), Cine Para Todos (Fund. 1950), Cine Esmeralda (Fund. 1954), Cine América (Fund. 1956) e Auditório Da Rádio Pelotense (Fund. 1956). Dentre estas salas, as mais lembradas nas conversas entre pessoas desta época são o Cine Teatro Sete de Abril, por ser a primeira da cidade, e a do Cine Capitólio, em torno da qual houve uma polêmica quando a sociedade ficou insatisfeita com o seu fechamento, em 2007.

As demais salas de cinema caíram no esquecimento e compõem apenas as memórias dos munícipes. Os espaços onde antes eram cinemas, hoje abrigam estacionamentos, igrejas, casas de baile, exceto três locais: o Cine Teatro Guarany conhecido agora apenas por Teatro Guarany e sem exibição de filmes; o Cine Teatro Sete de Abril que se encontra fechado para reformas e que também não exhibe mais filmes; e o Cine Avenida, local que permanece fechado e, atualmente, está à venda. Em relação aos locais de cinema hoje na cidade de Pelotas, destaca-se que há oito salas de cinema distribuídas em dois espaços: o Cineflix situado no Shopping de Pelotas com cinco salas e o Cine Art, no centro da cidade, com três salas.

O antigo Cine Fragata localiza-se no bairro de mesmo nome, o qual está ligado ao centro da cidade de Pelotas pela extensa Avenida

Duque de Caxias. Nela se encontram mercados, farmácias, pequenas lojas, o Quartel Militar, a Faculdade de Medicina, o Cemitério Francisco de Paula. O que mais chama a atenção nesta Avenida é um grande prédio de esquina: a casa de bailes Kzão, cuja fachada pode ser observada através da Figura 1.

Entretanto, nem sempre o grande prédio da esquina foi uma casa de bailes. Era esse local que abrigava o cinema do bairro:

[...] vale a pena lembrar que no século XX, final da década de 50 aproximadamente, a população do bairro frequentava o cinema, era o Cine Fragata, o qual apresentava bons filmes, principalmente do cantor gaúcho Teixeira, o cinema ficava lotado como recorda alguns moradores, tinha que ter muita paciência, pois a fila era enorme. O Cine Fragata também apresentava shows, como o do cantor Cauby Peixoto, o qual atraía multidão para o local. O local também passou a ser utilizado pelas escolas que faziam apresentações de seus alunos e professores, eram usados também para outros fins. O Cine Fragata encerrou suas atividades aproximadamente, entre o final da década de 70 e início dos anos 80. O prédio foi reformado e hoje funciona no local um salão de baile (Casa Grande) (OLIVEIRA, pag. 62, 2007).

A fundação do Cinema ocorreu em seis de julho de 1949³ e, nesta data, o Jornal Diário Popular publicou um anúncio de meia página chamando o público para a inauguração. Além de poder assistir às duas sessões do dia, os espectadores ainda concorriam a um permanente para cabelos, um rolo de tecidos para vestidos e outros prêmios menores.

Deste modo, por ser um local que esteve integrado à vida cultural da cidade, o Cine Fragata faz parte da memória de muitos cidadãos pelotenses. A memória é a vida veiculada por grupos de pessoas vivas em progressiva evolução e inconscientes de suas defor-



Figura 1: Fachada da Casa de Bailes Kzão.
Fonte: Imagens de Satélite do Google Maps.

³ Disponível no acervo da Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas – Rio Grande do Sul. Diário Popular – cadernos de janeiro a agosto de 1949.

mações, manipuláveis e revitalizáveis. Além disso, a relação entre a história e a memória está no fato de que a “[...] preocupação da primeira é por em ordem, a segunda está atravessada pela desordem da paixão, das emoções e dos afetos” (CANDAU, 2011, p. 131).

Assim, a história tratará da cronologia dos acontecimentos, enquanto que a memória torna possível remeter às sensações que um espaço, uma paisagem cultural provoca no indivíduo, as quais estarão visíveis através das lembranças desse local. Ao evocar a história de um lugar, o discurso de um indivíduo é permeado pela memória e pelo imaginário, além de ser elaborado a partir da memória coletiva (DORNELES, 2003, p.46). De Nardi (2003) discute a interrelação entre memória, história e discurso nessa mesma linha. O discurso, ainda que histórico, está impregnado da memória e da identidade do sujeito que o produziu:

[...] há [...] uma inegável e forte ligação entre identidade, imaginário e memória. Se a identidade se faz por meio de processos de identificação, tal processo se dá com base no imaginário, aqui entendido como uma matriz de dizeres que antecedem a identificação do sujeito e que se materializarão pela intervenção do simbólico (DE NARDI, 2003, p. 79).

As lembranças evocadas por Junior, funcionário do atual prédio Ksão e que é o personagem que aqui nos permite acompanhar um pouco da história do Cine Fragata, estarão entremeadas pela identidade desse indivíduo em relação à paisagem cultural à qual pertence. Assim, com o objetivo de recolher memórias do antigo Cine Fragata, fez-se visita ao prédio Ksão à procura de informações sobre o mesmo e de um narrador para a sua história⁴. Junior apresentou o prédio, compartilhou suas memórias e é o narrador deste trabalho sobre o Cine Fragata.

⁴ Em contato com o atual proprietário do prédio onde está localizado o Ksão, foi explicada a proposta da pesquisa e sugerida uma entrevista. Ele preferiu que a mesma fosse realizada com seu funcionário, que será chamado aqui apenas como Junior, já que foi como ele se apresentou.

UM NARRADOR PARA O CINE FRAGATA

Para Jovchelovich e Bauer (2002) a narrativa é um método de estudo aplicado principalmente às áreas das ciências sociais e, embora seja um assunto antigo, está sempre se renovando. Além disso, estes autores compreendem que não há experiência humana que não possa ser narrada e que o uso de narrativas orais se difunde juntamente com a tomada de consciência da importância de contar as histórias: histórias de vida, de pessoas, de grupos sociais, percepções – componentes importantes na formação dos indivíduos que envolvem.

Benjamin (1985) descreve o indivíduo que narra como um ser em constante modificação que se utiliza das narrações ouvidas juntamente com suas experiências de vida para narrar suas próprias histórias. Pollak (1989) expressa que é na narração que o indivíduo revela como quer recordar seu passado ou um fato:

[...] a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado (POLLAK, 1989, p. 06).

Nessa narração feita pelo indivíduo está também intrínseca sua identidade, pois é ela que permite ao indivíduo a escolha das memórias a serem contadas: “[...] a memória e a identidades estão indissoluvelmente ligadas” (CANDAU, 2012, p. 10). Lembrar-se está, assim, atrelado também a uma (re)constituição da identidade de um sujeito. Mais do que isso, para permitir que as histórias do passado sejam passadas adiante, para fazer parte das narrativas dos sujeitos de um lugar e dos espaços culturais que compõem aquele lugar físico.

A partir dessas prerrogativas, destaca-se que a entrevista com Junior ocorreu enquanto ele mostrava o prédio do antigo Cine Fragata. En-

tão, com o consentimento dele, a entrevista foi gravada discretamente. Tão logo, ele iniciou a Narração Central, para a qual não houve muitas perguntas, apenas deixou-se que o narrador seguisse seu rumo.

Destaca-se, assim, que o prédio era muito diferente do atual, “[...] não havia [a] laje, isso fomos nós que colocamos para fazer outra pista de dança lá em cima. Aqui era lotado de fileiras com cadeiras, desde a porta. O palco ainda é o mesmo” (informação verbal)⁵. Ao sermos conduzidas até o palco que está coberto por uma cortina de tecido vermelho-cintilante, o coração de cineasta de uma das autoras ansiava por ver uma enorme tela branca, mas, ao invés disto, o que havia no palco eram uma bateria e algumas caixas de som. Na Figura 2 pode-se observar esse palco que se mantém até os dias de hoje:

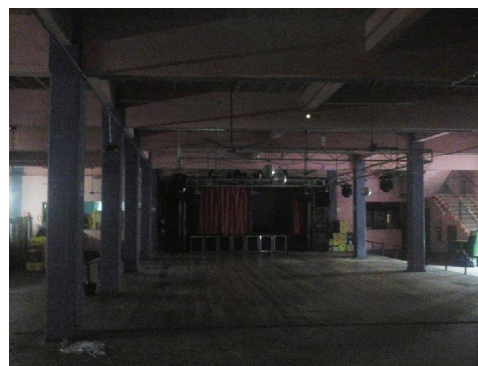


Figura 2: Salão onde ficavam posicionadas as poltronas do cinema. Ao fundo, o mesmo palco do antigo Cine Fragata. Fonte: Acervo fotográfico Bruna Facchinello

Junior para junto ao palco e relata que ia ao Cine Fragata, quando jovem, muitas vezes assistia aos filmes sozinho. Ele diz: “Era a única coisa que havia para ver. Não tínhamos televisores e nem todo mundo tinha rádio. Eu via muito filmes do Teixeira e de *bang-bang*. A última vez que me lembro de vir ao cinema foi por volta de 1980” (informação verbal)⁶.

Segundo o Jornal Diário Popular (edição de 06/07/1949), o Cine Fragata exibia três sessões diárias. Uma de vésperas, às 14h, e duas à noite, às 19h30 e 21h15. O ingresso custava Cr\$ 2 (dois cruzeiros, moeda da época) e havia dias com preços especiais para mulheres - chamado “Dia das Moças em seus Cinemas” - quando os ingressos custavam Cr\$ 1 (um cruzeiro).

Caminha-se até a porta do grande salão que dava para o hall de entrada. Junior detalhou cada ambiente pelo qual passava. Esta é uma característica dos narradores ao percorrer caminhos e lugares de suas lembranças, afirmam Jovchelovitch e Bauer (2002): o detalhamento, as lembranças que vêm à narração tão logo esta vai se efetivando. Ele nos revela que os pisos, assim como os banheiros e os quadros para colocar avisos e anunciar os filmes, são originais do Cine Fragata, e somente receberam algumas camadas de tinta com o passar do tempo.



Figura 3: Bilheteria do Cine-Fragata que hoje é utilizada para a venda dos ingressos da casa de baile. Fonte: Acervo fotográfico Bruna Facchinello

5 Informação obtida na entrevista concedida por Junior, em 01/dezembro/2014.

6 Idem.

Subiu-se uma escada lateral até chegar a um segundo pavimento, Junior comenta sobre o novo cenário:

[...] aqui ficava uma rampa de madeira com as cadeiras posicionadas de modo que os de cima sempre ficassem mais altos do que os de baixo. Isso era para que todos pudessem ver o filme. Isso que a tela era grande. Ia quase de ponta a ponta da parede. Não havia esta parede, era como um mezanino e podíamos ver o filme daqui de cima ou lá de baixo (informação verbal)⁷.

Enquanto Junior falava, era possível perceber o local, reconhecendo elementos, imaginar o Cine Fragata. Em meio à entrevista, nosso narrador repara em uma pequena saleta acima do cômodo em que nos encontrávamos: “[...] ali era onde se projetavam os filmes. Vê, ainda tem o buraco onde ficava o projetor, não tapamos” (informação verbal)⁸.

Junior faz uma pausa durante a qual se aproveitou para iniciar o que Jovchelovitch e Bauer descrevem como Fase de Questionamentos. Perguntou-se qual o destino que teve o projetor que, segundo os anúncios de sessão de cinema no Diário Popular, era de 35mm. “Não estava mais aqui quando chegamos. A sala já estava vazia. Então fechamos para ninguém entrar. O cinema tinha dois projetores. Quando os filmes eram muito grandes precisavam trocar, então já deixavam o segundo pronto e quando o primeiro rolo acabava ligavam o segundo projetor” (informação verbal)⁹.

Esta data de chegada, à qual Junior faz referência, é a da compra do prédio. Segundo sua narrativa, assim que o cinema fechou, em 1984, seus proprietários o transformaram em uma casa de bailes chamada Casa Grande. O negócio não prosperou e eles venderam o prédio

7 Idem.

8 Ibidem.

9 Ibidem.

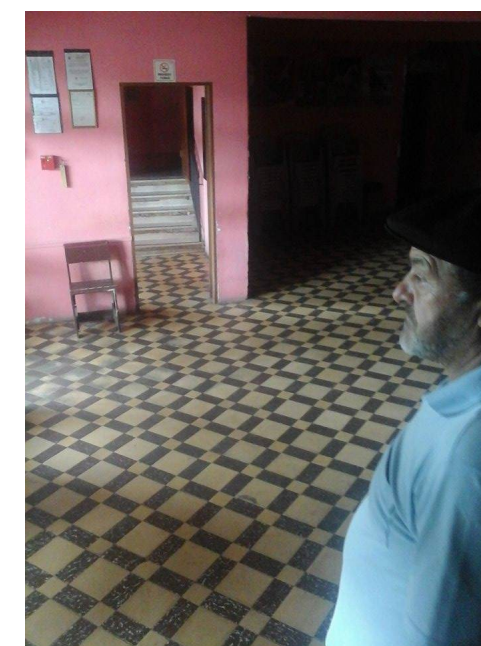


Figura 4: Junior no Hall de entrada do Cine-Fragata. Fonte: Acervo fotográfico Bruna Facchinello

para um cunhado de Junior que deu início às atividades da casa de bailes Ksão, espaço com festas semanais de sexta a domingo.

Buscando retomar o assunto do Cine Fragata perguntou-se a Junior quem eram as pessoas que frequentavam o cinema. Ele respondeu: “Eram pessoas daqui, famílias, gente que trabalhava por aqui, e o Quartel. Sempre tinham os homens do Quartel” (informação verbal)¹⁰.

Junior olha para o gravador e questiona se ainda está gravando. Aproveita-se este momento de estranhamento para encerrar a gravação dando início ao que Jovchelovitch e Bauer (2002) titulam de Fase Conclusiva: sem gravar surge o momento para ter uma conversa informal. Assim, informa-se sobre a não gravação e há uma retomada na conversa a partir do próprio narrados. Ele começa a contar sobre a época em que vivia no Jardim América e precisava pegar a condução para vir ao cinema:

[...] algumas vezes eu perdia o final do filme porque o ultimo embarque era às 23h. e precisava sair antes. As pessoas vinham muito ao cinema nesta época. Tinha gente que entrava na fila dos ingressos e já comprava dois ou três, assistia o mesmo filme em várias sessões do dia. Era o que tinha para se fazer. Depois que começaram a comprar televisores os cinemas ficaram cada vez mais vazios (informação verbal)¹¹.

Jovchelovitch e Bauer (2002) comentam que a narração segue o curso da história, um esquema autogerador. Junior busca assuntos já comentados para novas observações. Lembra, por exemplo, que a presença dos militares era constante nas sessões:

[...] com o quartel aqui ao lado, o cinema estava sempre cheio de militares. E tinha vezes que se alguém fizesse muito barulho ou se não parasse sentado, o lanterninha

¹⁰ Idem.

¹¹ Ibidem.

vinha iluminando e fazia a pessoa sossegar. Ou, às vezes quando vinham namorar no cinema e as coisas esquentavam demais (risos), então o lanterninha vinha e colocava aquela luz nas pessoas (informação verbal)¹².

Analisando a entrevista com Junior, foi possível notar que, assim como Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 105) perceberam em outros indivíduos, a narração em questão é composta por: 1 - Textura detalhada: Junior dá vários detalhes de como era o local, quem eram as pessoas que o frequentavam, como eram os filmes, o que mudou e o que permaneceu; 2 - Fixação de Relevância: O narrador, ao falar do Cine Fragata, traz além de suas lembranças de vida no local, a importância da inserção dos televisores nos lares; em mais há menção ao esvaziamento das salas de cinema sempre culpando os televisores; 3 - Fechamento da *Gestalt*: Junior narra desde suas primeiras experiências no cinema até o fechamento da sala; e continua narrando as mudanças ocorridas no local para acomodar a atual casa de bailes.

Após a entrevista, foi realizada a transcrição do material gravado. Nesse processo, além das frases, também as pausas e expressões, como descrevem Jovchelovitch e Bauer (2002), necessárias a este método de análise narrativa. As anotações das informações trocadas fora do período de gravação foram realizadas de imediato na tentativa de conservar o maior número de dados possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados transcritos, foi possível retomar a entrevista e analisar alguns pontos. Para ter comprovações de dados como os de inauguração e fechamento do Cine Fragata, a pesquisa recorreu aos jornais locais disponíveis na Biblioteca Pública de Pelotas. Entre os jornais acessados estão os dos anos de 1949 e 1950 e de 1980 a 1984. Como já relatado, foi possível confirmar a data de inauguração do Cine Fragata no dia seis de julho de 1949.

¹² Ibidem.

Junior relatou que a última sessão de cinema que assistiu foi no ano de 1980 e que depois disto nunca mais foi a cinema algum, pois ficavam muito distantes de sua casa e também não frequentava shoppings centers. No entanto, diversas fontes locais indicavam que o Cine Fragata fechou no ano de 1984, quatro anos após a última sessão que Junior assistiu.

Ao pesquisar os anúncios, nos jornais do Diário Popular da cidade de Pelotas, de exibições filmicas do Cine Fragata entre 1980 e 1984, foi possível perceber que houve uma mudança de gênero dos filmes exibidos, modificando também seu público. Assim como outros cinemas pelotenses, tais como o Cine Avenida, o Rei e o Guarany, o Cine Fragata exibiu, de 1980 até o dia de seu fechamento, também filmes pornô. Os filmes eram exibidos em uma sessão diária às 20h30min.

Relacionando este assunto com a época, em uma coluna social do Jornal Diário Popular de vinte e um de fevereiro de 1984 foi encontrada uma pequena tabela cujo tema era: “Up/Down: o que é legal fazer em Pelotas”. Entre os itens da coluna de afazeres depreciados consta a seguinte frase “frequentar filmes pornográficos (porque tanta aberração)” (D.P. 21/02/1984).

Desta forma, compreende-se que o narrador pode realmente ter ido ao cinema pela última vez antes do início do ciclo de filmes pornô ou pode ter omitido esta informação para evitar algum constrangimento. De qualquer forma, como pontua Benjamin (1985) a explicação se basta e a narrativa é passível de interpretação. Destaca-se também a identificação do sujeito com uma cultura cinematográfica que não se vislumbrou possível a partir da data de 1980.

A narrativa de Junior a respeito do Cine Fragata permitiu perceber o relevante papel que o mesmo teve para a cultura e entretenimento no bairro. Além disso, possibilitou compreender a importância de sua frequência ao cinema na composição de suas memórias. A memória tem uma pluralidade de funções em correlação, não meramente em sequência factual e temporal; constitui-se um campo da dialética temporal e dos fenômenos sociais (TEDESCO, 2011, p. 13). Deste modo, segundo o autor, a memória não se dissocia dos fenômenos culturais e dos tempos das sociedades, pelo contrário,

a memória auxilia na reprodução e na dinâmica interpretativa dos mesmos, além desses fenômenos constituírem-se parte da identidade do sujeito em relação ao lugar que habita.

O fechamento do cinema do bairro, infelizmente, impossibilitou que Junior continuasse a frequentar salas de cinema, o que talvez tenha ocorrido com outros moradores. Como já comentado ao longo deste artigo, Junior é o primeiro narrador do CineFragata o que possibilita um olhar inicial sobre o objeto. O próximo passo é buscar novos narradores que queiram compartilhar suas memórias no cinema para a construção de uma narrativa mais ampla que possibilite novas imersões e auxiliem a recompor a memória do Cine Fragata.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

_____. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DE NARDI, Fabiele Stckmans. “Entre a lembrança e o esquecimento: os trabalhos da memória na relação com língua e discurso”. In: **Organon**/UFRGS, Instituto de Letras, v. 17, n.35. Porto Alegre, 2003. pp. 65-84.

DORNELES, Elizabeth Fontoura. “Memória, linguagem e história no Festival Nativista”. In: **Organon**/UFRGS, Instituto de Letras, v. 17, n.35. Porto Alegre, 2003. pp. 39-48.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid; Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. “Entrevista narrativa”. In: BAUER, M. W.GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: PedrinhoGuareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Elisabete Porto de; **Viagem na memória do Fragata: estudo sobre a história e cultura de um “bairro cidade”**, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos**, v. 2, n.3. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989, p. 3-15

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**. Niterói: Tempo, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

RICOEUR, Paul. **Memória, história e esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces: introdução a uma análise sócio histórica da memória**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2011.

JORNAIS

Acervo da Biblioteca Pública Pelotense – Jornal Diário Popular (1949 à 1984)